

En Ocoró, Anny. y Alves, María., *Negritudes e africanidades na América Latina e no Caribe. Volume 2.* Brasilia (Brasil): Associação Brasileira de Pesquisadores Negros.

# Experiencias y resistencias de las mujeres afrodescendientes en América Latina y El Caribe.

Pineda G, Esther.

Cita:

Pineda G, Esther. (2018). *Experiencias y resistencias de las mujeres afrodescendientes en América Latina y El Caribe.* En Ocoró, Anny. y Alves, María. *Negritudes e africanidades na América Latina e no Caribe. Volume 2.* Brasilia (Brasil): Associação Brasileira de Pesquisadores Negros.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/estherpinedag/6>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/p7hy/ROQ>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.  
Para ver una copia de esta licencia, visite  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

*Acta Académica* es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. *Acta Académica* fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

**VOLUME 2**

**Negritudes e africanidades na  
América Latina e no Caribe**

**Anny Ocoró Loango  
Maria José de Jesus Alves Cordeiro  
ORGs**

**2018**

Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - Gestão 2016-2018: Profa. Dra. Anna Benite- Presidenta; Profa. Dra. Nicea Amauro-Secretária Executiva; Profa. Dra. Fernanda Bairros- Diretora de Relações Institucionais; Profa. Dra. Ana Beatriz Gomes- Diretora de Relações Internacionais; Profa. Dra. Raquel Amorim- Diretora de Áreas

Coordenadores(as): Profa. Dra. Luciane Dias Gonçalves (UFU); Prof. Dr Benjamin Xavier de Paula (UFU/UFVJM)

Conselho Editorial: Acácio Sidinei Almeida Santos - UFSBA; Alessandra Pio Silva - UFRJ; Altair dos Santos Lira IHAC- Inst. Hum. Milton Santos; Anna M. Canavaro Benite - UFG/ABPN; Anny Ocoro Loango - UNTREF; Benjamin Xavier de Paula - UFVJM/UFU; Carlos Alberto Ivanir dos Santos - UFRJ; Carmélia Aparecida Silva Miranda - UNEB; Carolina Rocha Silva - IESP/UERJ; Célia Regina Cristo de Oliveira - PMDC/SME; Cintia Maria de Camargo Viana - UFU; Deborah Silva Santos - UnB; Deivison Moacir Cezar de Campos - ULBRA; Delton Aparecido Felipe - UEM; Denilson Lessa dos Santos - UNEB; Diogo Marçal Cirqueira - UFF; Edna Maria de Araújo - UEFS; Eduardo David de Oliveira - UFBA; Elizabeth Larkin Nascimento - IPEAFRO; Fabiana de Lima Peixoto - UFSB; Geny Ferreira Guimarães - UFRRJ; Giane Vargas Escobar - Unipampa - Campus Jaguarão; Iris Maria da Costa Amâncio - UFF; Isis Aparecida Conceição - UNILAB; Jefferson Olivatto da Silva - UNICENTRO; Kátia Evangelista Regis - UFMA; Leonor Franco de Araujo - NEAB/UFES; Luciane Ribeiro Dias Gonçalves - UFU; Maria Anória de Jesus Oliveira - UNEB; Maria Clareth Goncalves Reis - NEABI/PPGPS/Uenf; Maria José de Jesus Alves Cordeiro - UFMG; Nicéa Quintino Amauro - UFU/ABPN; Otair Fernandes Oliveira - UFRRJ; Patricia Maria de Souza Santana - PM/BH; Paulo Vinicius Baptista da Silva - UFPR; Pedro Barbosa - UFG/Jataí; Renato Nogueira - UFRRJ; Renato Palumbo Dória - UFU; Rosa Margarida de Carvalho Rocha - UEMG; Rosalia de Oliveira Lemos - IFRJ - CAMPUS NILÓPOLIS; Sátira Pereira Machado - UNIPAMPA; Shirley Aparecida de Miranda - UFMG; Wilson Roberto de Mattos - UNEB; Zelinda Santos Barros - UFRB

Conselho Científico: Carlos Eduardo Moreira de Araújo - UFU (Coordenação); Wilson Roberto de Mattos - Universidade do Estado da Bahia - UNEB (Coordenação); Wilma Nazaré Baía Coelho - UFPA (Coordenação); Abrahão de Oliveira Santos - IPSI-UFF; Acácio Sidinei Almeida Santos - UFSBA; Adécio de Sousa Cruz - UFV/NEIA-UFMG; Adelmir Fiabani - UFFS; Adevanir Aparecida Pinheiro - Unisinos / São Leopoldo; Adilbênia Freire Machado - UFC; Adilson Pereira dos Santos - UFOP; Ahyas Siss - UFRRJ; Alessandra Pio Silva - CP II/UFRJ; Alessandro Pereira dos Santos - Centro Universitário Newton; Alexandre do Nascimento - FAETEC/NEAB ONDJANGO; Ana Beatriz Sousa Gomes - UFPI; Ana Cristina Conceição Santos - UFAL; Ana Lucia Silva Souza - UFBA; Ana Paula Procopio da Silva - UERJ; Analise de Jesus da Silva - UFMG; Anderson Ribeiro Oliva - Universidade de Brasília - UNB (Brasil); Andréa Marques Santos - UFMG; Angela Maria de Souza - UNILA; Anna M. Canavaro Benite - ABPN/UFG; Anna Maria Canavaro Benite - UFG; Anny Ocoro Loango - UNTREF (Argentina); Bárbara Carine Soares Pinheiro - UFBA; Benjamin Xavier de Paula - UFVJM/UFU; Cândida Andrade de Moraes - UFBA; Carlos Alberto Ivanir dos Santos - UFRJ; Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos - UnB; Carlos Benedito Rodrigues da Silva - NEAB/UFMA; Carmélia Aparecida Silva Miranda - UNEB; Carolina Rocha Silva - IESP/UERJ; Célia Regina Cristo de Oliveira - SME-DUQUE DE CAXIAS/RJ; Cláudio Roberto dos Santos Almeida - UNIVASF; Cleber Santos Vieira - UNIFESP; Clézio Roberto Gonçalves - NEABI/UFOP; Cristiane Coppe de Oliveira - UFU/FEUSP; Cristina Teodoro - UNILAB-MALÊS; Débora Cristina de Araújo - UFES; Deivison Moacir Cezar de Campos - ULBRA; Delton Aparecido Felipe - UEM/PR; Diogo Marçal Cirqueira - IEAR-UFF; Diogo Pereira Matos - IFSUDESTEMG; Edilza Correia Sotero - UFBA; Eliane Cavalleiro - USP/UNB; Eliane dos Santos Cavalleiro - Sem vínculo; Elisabeth Santos Natel - Unisinos; Fabiana de Lima Peixoto - UFSB; Fábio Macedo Velame - UFBA; Flávia de Jesus Damião - UFBA/CRECHE; Geny Ferreira Guimarães - CTUR/UFRRJ; Georgina Helena Lima Nunes - UFPE; Giane Vargas Escobar Unipampa - Campus Jaguarão; Giselle Cristina dos Anjos Santos USP - CEERT; Glenda Cristina Valim de Melo - UNIRIO; Hedio Silva Junior - Advogado das Religiões afro-brasileiras; Henrique Antunes Cunha Junior - UFC; Henrique Restier da Costa Souza - IESP/UERJ; Ineídes Calheiro dos Santos - UFBA/Rede de Africanidades; Ione da Silva Jovino - UEPG; Jacimara Souza Santana - UNEB; Janaina Barros Silva Viana - USP; Janaína Pereira de Oliveira - IFRJ / FICINE; João Batista de Jesus Felix - UFT; João Gabriel do Nascimento Nganga - NEAB-UFU; Joel Zito de Araújo - ECA/USP; Jorge Augusto de Jesus Silva - IFMA; José Antonio Novaes da Silva - NEABI/UFPB; José Bento Rosa da Silva - UFPE; José Castiano - UP (Moçambique); Joselina da Silva - UFRRJ; Josiane Cristina Climaco - UFBA/ FAMAM; Luciene Silva de Sousa Nascimento - UNEB; Luciane Ribeiro Dias Gonçalves - UFU; Juliana das Graças Gonçalves Gualberto - PBH; Kabenguele Munanga - USP/UFRB; Karina Klinke - UFU; Kassandra da Silva Muniz - NEABI/UFOP; Kátia Evangelista Regis - UFMA; Lorena Francisco de Souza - UEG; Luciane Ribeiro Dias Gonçalves - UFU; Luis Thiago Freire Dantas - IFES; Luís Tomás Domingos - UNILAB-CE; Luiza Rodrigues de Oliveira - UFF; Magali da Silva Almeida - UFBA; Marcos Antônio Alexandre - UFMG; Marcos Antonio Batista da Silva - CES (Portugal); Marcos de Jesus Oliveira - UNILA; Maria Anória de Jesus Oliveira - UNEB; Maria de Fátima Lima Santos - UFRJ; Maria Dolores Sosin Rodriguez - UFBA; Maria Fernanda Novo dos Santos - UNICAMP; Maria Paula Menezes - CES/UC (Portugal); Maria Simone Euclides - UFPI; Marília Giselda Rodrigues - UNIVERSIDADE DE FRANCA; Marina Pereira de Almeida Mello - UNIFESP; Marluce de Lima Macêdo - UNEB; Mighian Danae Ferreira Nunes - Prefeitura Municipal de São Francisco; Natalino Neves da Silva - Unifal-MG; Nelma Cristina Silva Barbosa de Mattos - IF Baiano; Nilma Lino Gomes - UFMG; Osmundo Santos de Araujo Pinho - UFRB; Otair Fernandes Oliveira - LEAFRO/UFRRJ; Patrícia Gomes Rufino Andrade - NEAB-UFES; Patrícia Maria de Souza Santana - Ações Afirmativas na UFMG; Paulo Vinicius Baptista da Silva - NEAB-UFPR; Pedro Barbosa - PPGAS/UFG; Petronilha Beatriz Gonçalves - UFSCAR (Brasil); Raquel Amorim dos Santos - UFPA; Renato Nogueira - UFRRJ; Ricardo Matheus Benedicto - UNILAB; Roberto Carlos da Silva Borges - CEFET/RJ; Rolf Malungo de Souza - Universidade Federal Fluminense; Rosalia de Oliveira Lemos - IFRJ - CAMPUS NILÓPOLIS; Samuel Silva Rodrigues de Oliveira - CEFET-RJ; Sandra Maria Cerqueira da Silva - UEFS / FAT; Shirley Aparecida de Miranda - UFMG; Silvana Carvalho da Fonseca - UFBA; Silvani dos Santos Valentim - CEFET-MG; Stéphanie Caroline Nasuti - Universidade de Brasília; Valquíria Pereira Tenório - IFSP - Matão; Valter Roberto Silvério - UFSCAR; Vanisio Luiz da Silva - UFMT-CUA; Wagner Leite Viana - UFMG; Wanderson Flor do Nascimento - Universidade de Brasília; Wilson Queiroz - CONEPPA; Yone Maria Gonzaga - UFMG/SEDPAC; Zélia Amador de Deus - UFPA

VOLUME 2

**Negritudes e africanidades na  
América Latina e no Caribe**

**Anny Ocoró Loango  
Maria José de Jesus Alves Cordeiro  
ORGs**

2018

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Loango, Anny Ocoró; Cordeiro, Maria José de Jesus Alves, ORGs  
Negritudes e africanidades na América Latina e no Caribe / Anny Ocoró Loango;  
Maria José de Jesus Alves Cordeiro, ORGs: Ribeirão Gráfica e Editora, 2018  
220 p

ISBN 978-85-7681-

1.Pesquisa Científica	CDD - 001.42
2.Ciências Sociais	CDD - 301
3.Educação - Ciência da Educação	CDD - 370
4.Educação Superior	CDD - 378

© 2018 by Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN  
Todos os direitos reservados.

# EXPERIENCIAS Y RESISTENCIAS DE LAS MUJERES AFRODESCENDIENTES EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE

Esther Pineda G.  
Dra. en Ciencias Sociales,  
Universidad Central de Venezuela

## Resumen

La política europea de colonización esclavista, dejó marcada con tinta indeleble una historia de injusticia y exclusión en América Latina, cuyos efectos continúan siendo padecidos por la mayor parte de la población en nuestras sociedades. Esta situación se agrava y profundiza al ser interceptada por las variables de clase y género; elementos que darán como resultado una exclusión magnificada, siendo esta a la que se han visto sometidas históricamente las mujeres afrodescendientes producto del establecimiento del cepto sexista-racista de nuestras sociedades occidentales. Es por ello que la historia de las mujeres afrodescendientes ha sido una historia social diferenciada, definida a partir de la exclusión, la violencia, la trasgresión de su libertad y su cuerpo, pero también de la resistencia y la lucha por su emancipación.

**Palabras clave:** Mujeres afrodescendientes, Feminismo, América Latina y El Caribe

## Introducción

La historia pasada de las mujeres no ha sido contada, menos aún su historia inmediata, nos dicen que “la historia la cuentan y la escriben los vencedores”, sin embargo, es posible cuestionar el hecho de que quienes hasta ahora han contado la historia han sido vencedores, pues para vencer es necesario combatir en condiciones de igualdad. Las mujeres a lo largo del proceso histórico social no han tenido esa oportunidad, por ello, la historia que conocemos ha sido definida y transmitida por los hombres para los hombres, además eurodescendientes, heterosexuales y poseedores de recursos.

En el caso específico de las mujeres africanas y afrodescendientes su historia ha estado determinada por las múltiples formas de discriminación, violencia y tratos crueles experimentados desde la colonización europea en América, entre los cuales es posible considerar su esclavización, la subasta y venta de su persona, la prostitución forzada, la violencia física, verbal, psicológica y sexual, el rapto y venta de sus hijos, entre otras. Pese a ello, las

mujeres participaron de forma activa en los procesos de desarticulación de la dominación esclavista colonial, los procesos independentistas, así como, en las diferentes prácticas orientadas a recuperar su libertad y su dignidad. Sin embargo, los prejuicios y estereotipos construidos en el periodo colonial sobre las mujeres afrodescendientes por su pertenencia de género y de etnia no desaparecieron con la abolición de la esclavitud, por el contrario, se alimentaron, profundizaron, institucionalizaron y cotidianizaron en la sociedad contemporánea.

Las mujeres afrodescendientes en la actualidad continúan siendo víctimas de diversas formas de discriminación y violencia sexistas y racistas; pero, sobre todo, sus experiencias, intereses y necesidades continúan siendo invisibilizadas, desestimadas y postergadas en los diferentes espacios de socialización, pero también en el contexto de los movimientos y organizaciones sociales afrodescendientes y feministas. Ante ello, las mujeres racializadas una vez más se han visto en la necesidad de organizarse para ejercer resistencia ante la discriminación, la violencia y la invisibilización que se les impone, la cual en los últimos años se ha concretado en la figura del afrofeminismo.

#### Dominación, racismo y sexismo en el periodo colonial

Comprender la situación social y experiencias de las mujeres afrodescendientes en la sociedad actual, pasa de manera imprescindible por la comprensión de los grandes núcleos conceptuales y marcos contexto-situacionales en los cuales estos se desarrollan, los cuales han propiciado a su vez la emergencia de grandes teorías, al mismo tiempo que han impulsado y acompañado las acciones de los movimientos sociales emergentes.

En el caso específico que nos ocupa, el primer elemento a tener en consideración habrá de ser el proceso de colonización europea desarrollado en territorio americano. Los procesos bélicos entre las grandes potencias europeas producidos principalmente por sus intereses expansionistas, tuvieron como consecuencia el declive económico de estos países y la puesta en riesgo del sostenimiento de la monarquía como modelo político imperante; a razón de ello, surge como alternativa la exploración de nuevos territorios con el objetivo de expandir sus espacios de dominación y recursos a explotar. Es en este contexto que se desarrolla la ocupación violenta del continente americano, el genocidio de los pueblos originarios como respuesta a la resistencia ejercida, y la posterior penetración del continente africano -previamente constituido en área de influencia de los imperios europeos- para trasladar también de manera violenta a la población africana, quienes se convertirían en la mano de obra a explotar en el continente americano para la explotación de los recursos que permitirían mantener el imperio europeo.

Este genocidio de los pueblos indígenas originarios de América y de los pueblos de África, aunada a la esclavización de estos últimos, requirió una

justificación para su ejercicio y puesta en práctica por parte de los colonos esclavizadores. Se hizo necesaria la diferenciación, la construcción de otredades, los “otros” indígenas, los “otros” africanos, que desde la perspectiva colonial fueron desprovistos de humanidad y por tanto de capacidades éticas, intelectuales, morales, relacionales y organizativas. Los pueblos originarios de América y África fueron considerados inferiores, salvajes, amenazadores, con lo cual se justificó su dominio y explotación. De acuerdo a ello, es posible afirmar qué:

El racismo contemporáneo es una ideología construida a partir de un modelo económico liberal que tiene sus raíces en el proceso de colonización y conquista de los continentes africano y americano, marcando su inicio específicamente con el tráfico trasatlántico de personas africanas que fueron convertidas en esclavas para el “desarrollo” y la explotación de los recursos en América. Por lo tanto, desde sus albores el racismo tiene su base en la estructura económica, construyendo ideológicamente las justificaciones culturales y sociales para colocar a la raza blanca, como prototipo de lo humano y por lo tanto superior a todos los grupos etnoraciales diferentes, particularmente a las personas de procedencia africana, las que definieron como de raza negra, fueron colocadas en esa esfera de “menos humanidad”, construyendo el conocimiento y la historia desde esa perspectiva (Campbell, 2003, p. 2).

Esta historia arbitrariamente construida por los acreedores del poder, no solo se configuró desde una narrativa eurocéntrica y racista desde la cual se justificó y promovió la discriminación, violencia y vulneración de los sujetos racializados; sino que también se erigió desde un discurso profundamente sexista, el cual contribuyó al establecimiento de múltiples y sistemáticas formas de opresión de la mujer. Además materializándose en la conformación de un mundo eurocéntrico y androcéntrico donde los blancos y los hombres aparecen como los únicos referentes de la humanidad y la civilización, es decir, como los únicos que “han creado el arte y la industria, la ciencia y el comercio, el estado y la religión” (Simmel, 1999, p. 177).

En el relato histórico las mujeres africanas y afrodescendientes fueron invisibilizadas y desplazadas, sin embargo, fueron las más afectadas en el proceso de secuestro, latrocinio y explotación ejercida por los europeos colonizadores, esclavistas y latifundistas que penetraron territorios y se asentaron en ellos, al experimentar formas múltiples de discriminación por su condición de género y su herencia étnica.

Las mujeres sufrían de modos distintos, puesto que eran víctimas del abuso sexual y de otras formas brutales de maltrato que sólo podían infligírseles a ellas. La actitud de los propietarios de esclavos hacia las esclavas estaba regida por un criterio de conveniencia: cuando interesaba explotarlas como si fueran hombres, eran contempladas, a todos los efectos, como si no tuvieran género; pero, cuando podían ser explotadas, castigadas y reprimidas de maneras únicamente aptas para las mujeres, eran reducidas a su papel exclusivamente femenino (Davis, 2005, p. 15).

Las mujeres africanas y sus descendientes fueron raptadas y abusadas sexualmente, convertidas en instrumento de canalización de la sexualidad incontinida del europeo heredero de una ideología racista y patriarcal; convertida en objeto de placer del amo, en un contexto histórico social donde:

La apropiación de los cuerpos humanos no conocía límites, dando a los hombres el poder de la tortura, el control de los sistemas políticos, de las riquezas producidas y del grupo humano. El centro del poder era el hombre blanco, dejando a las mujeres y hombres indígenas, africanos y africanas y sus descendientes, la subyugación corporal, sexual y política (Werneck, 2000, p. 30).

El cuerpo de las mujeres en las diferentes etapas del proceso histórico social ha sido objetualizado, concebido como un trofeo de guerra, donde los vencedores de los procesos bélicos o los ejecutores de procesos genocidas son quienes obtienen a las mujeres de sus enemigos reales, potenciales o imaginarios; hecho social que de acuerdo a Pineda (2016) cumple tres funciones específicas:

1. El proceso de objetualización, apropiación y vulneración del cuerpo de las mujeres africanas y afrodescendientes puesto en práctica por los europeos mediante la violación, tenía como propósito demostrar su poderío ante el vencido. Desde un pensamiento patriarcal y androcéntrico en el que la sociedad y la vida entera se organizó en torno al hombre y el reconocimiento de su masculinidad, parece no haber mayor agente desmoralizador que la toma de las mujeres de su comunidad (madres, esposas e hijas); con lo cual se veía disminuida su masculinidad y por tanto su poder -el cual fue otorgado principalmente por su condición de proveedor de estabilidad económica, seguridad y placer sexual-.
2. La repoblación de la sociedad en un contexto de merma poblacional como consecuencia del periodo bélico o el genocidio como es el caso que aquí nos ocupa. Además la mezcla de la sangre del dominador con la del grupo dominado persiguió la evitación de alzamientos por parte del grupo dominado contra el poder erigido del dominador.
3. La violación de las mujeres tuvo como propósito la provisión, reproducción y masificación de la mano de obra gratuita.

Esta ideología contribuyó a la consolidación de la sexualidad interracial como ilícita e informal; no obstante, en muchos casos prolongada en el tiempo, inclusive bajo chantaje de otorgamiento de libertad de la mujer esclavizada.

A pesar del testimonio de los esclavos sobre la elevada incidencia de la violación y de la coerción sexual, la literatura tradicional sobre la esclavitud ha silenciado casi por completo el tema del abuso sexual. Frecuentemente, se asume que las mujeres esclavas provocaban y recibían con agrado las atenciones sexuales de los hombres blancos. Por lo tanto, lo que ocurría entre ellos no era explotación sexual sino, más exactamente, «mestizaje» (Davis, 2005, p. 33-34).

Empero, en este contexto es posible dilucidar una ética sexual europea inconsistente, así como, el condicionamiento económico de las relaciones sexo-afectivas pues si bien la ideología racista del hombre europeo no se hizo presente al momento de vincularse sexualmente con la mujer africana o afrodescendiente, se hizo implacable y manifiesta al momento de considerarse establecerse de manera formal y regular en la institución matrimonial en pro de la preservación de la casta y status social. De este modo, esa sexualidad por un lado reprimida, pero por otro forzada y promovida; desencadenaría la consideración de la mujer africana y afrodescendiente por parte del europeo como mujeres de fácil acceso y sexualmente disponibles para todo hombre que quisiese satisfacer sus fantasías y deseos en ellas, a quienes:

Se ve ante todo como un objeto apropiado a la apetencia y los deseos del hombre, sea blanco, negro o mestizo. En fin, ella es la amante por excelencia. En cambio, pocos presentan a la mujer de color como amada, digna de ser esposa del hombre y señora de su hogar (Morales, 2003, p. 37).

Este pensamiento se instaló en el imaginario colectivo, por lo cual las africanas esclavizadas y sus descendientes nacidas en América Latina y El Caribe fueron consideradas por el pensamiento colonial como mujeres de una sensualidad exacerbada, de un desempeño y rendimiento sexual superior; pero además, consideradas como dispuestas a la realización de cualquier acto sexual negado por la moral religiosa a las mujeres europeas de las clases dominantes.

A la mujer blanca se la identificó con su cuerpo, en tanto reproductora y depositaria de la honra familiar, confinada al espacio doméstico, alejada de cualquier tipo de educación letrada que solo despertaría en ella la incomprensión o la tentación. Legalmente se la consideró menor de edad de por vida, sujeta primero a la potestad del padre, luego a la del marido, y en su defecto a la de la autoridad religiosa competente. A las mujeres indias y negras se les despojó de la autodeterminación de sus cuerpos, pero con agravantes. En el caso de las mujeres negras esclavas fueron consideradas una pieza de india, una mercancía. Ambas tenían como denominador común la explotación de su fuerza de trabajo en calidad de servidumbre, y la servidumbre suponía no sólo la explotación como trabajadoras sino como prestadoras de servicios sexuales y reproductoras (en el caso de las esclavas negras la situación de vientre es un ejemplo de esta explotación) (Protzel, 2010, p. 21).

Estos hechos en su conjunto desencadenaron en embarazos no deseados y como consecuencia directa el establecimiento, formación y consolidación de la familia afrodescendiente como organizaciones de carácter matrilineal, al haber sido desmantelada la familia africana y afrodescendiente. Las mujeres africanas y sus descendientes nacidas en América al haber sido despojadas de la autodeterminación sobre sus vidas y cuerpos serían convertidas forzosamente en padres y madres, hecho que Pineda (2013) explica principalmente a partir de tres elementos:

1. Producto de la ausencia de reconocimiento paterno de sus hijos por parte de los europeos como consecuencia de los prejuicios económicos y raciales.
2. Como resultado del desconocimiento de la paternidad del ser que llevaba en sus entrañas al haber sido víctima de repetidos ultrajes y vejaciones.
3. Finalmente, por la imposibilidad de establecimiento marital con individuos pertenecientes a su estrato económico y racial, al haber sido la sexualidad africana fuertemente reprimida y prohibida por sus esclavistas.

No obstante, contrario a la concepción generalizada y transmitida a través del relato oral en las diferentes etapas del proceso histórico social, estos mecanismos de racialización, interiorización y supeditación colonial no fueron superados con la abolición de la esclavitud en América, por el contrario, se legitimaron y naturalizaron a través de otros espacios, discursos y mecanismos. Pero también es importante destacar que, si bien estas desigualdades, formas de violencia y discriminación ejercidas por un orden esclavista, sexista y clasista se han mantenido, tanto en el pasado como en la actualidad las mujeres afrodescendientes han cuestionado y reaccionado ante él, en un esfuerzo constante por la obtención de la libertad y la dignificación de su experiencia.

### **Del cimarronaje al afrofeminismo: La deconstrucción del racismo y el sexismo**

La situación de discriminación racial, sus prácticas, discursos y representaciones, habrá de verse significativamente profundizada al interceptarse con otros sistemas de dominación como el capitalismo y el patriarcado los cuales se han articulado para su mantenimiento y reproducción; por ello, en el caso específico de las mujeres afrodescendientes la dominación patriarcal se profundizó por su condición de racialidad, al mismo tiempo que la discriminación racial se profundizó por el hecho de ser mujeres. Este hecho puede explicarse a razón de que:

El racismo y más específicamente el modelo económico racista se construyó a partir de una realidad también económica milenaria, el sexismo, en la cual los poderes y los recursos se encontraban en manos de los hombres, siendo las mujeres prácticamente propiedad de los hombres, al igual que lo eran las casas, las tierras y los caballos. El racismo, reafirma el sexismo e incorpora en su seno las diferencias sexuales y la superioridad de los hombres sobre las mujeres como una característica inherente y constitutiva de esa ideología. Del mismo modo el sexismo incorpora a la diferenciación racial como una categoría de estratificación, creando una pirámide que no solo está marcada por la diferenciación sexual sino también por la distinción racial, que reafirma, como se planteó anteriormente a lo blanco como prototipo de lo humano en contraposición de lo negro relacionado siempre con lo no humano o lo menos humano. (...) Desde esta perspectiva, es imposible en la actualidad comprender el racismo de manera aislada al sexismo. Del mismo modo, no se pueden aislar las consecuencias sociales y culturales del racismo de las consecuencias de la estructura racista sobre las condiciones particulares de las mujeres descendientes de africanos de las Américas. No es posible hacer un análisis que diferencie de manera tácita los impactos del racismo por un lado y del sexismo por el otro, sobre la vida de las mujeres. Los límites entre uno y otro son la mayoría de las veces absolutamente invisibles (Campbell, 2003, p. 2-3).

Ahora bien, aunque en el contexto colonial y bajo las ideas de la ideología racista y sexista las mujeres africanas y afrodescendientes fueron víctimas de continuas formas de violencia y discriminación pues, como afirma Hooks (2004) son el único grupo social que no ha sido socializado para asumir el papel de explotador/opresor puesto que se les negó un “otro” al que explotar u oprimir; también es cierto que no se mantuvieron pasivas ante dichas formas de desigualdad y vulneración de sus derechos, sus vidas y sus cuerpos. En dicho periodo las mujeres africanas y afrodescendientes lideraron la resistencia y la lucha por la emancipación del cepto sexista-racista en América Latina y El Caribe, enfrentándose al orden establecido a través de:

La resistencia al sistema esclavista mediante el control sobre su cuerpo, con frecuencia la mujer africana y afrodescendiente frente a sus escasas posibilidades de acción y transigir su realidad optaría por el suicidio, el aborto y el infanticidio. En caso de que la gestación llegase al alumbramiento, apelaría a la negociación de la libertad del hijo, situación no siempre posible pues por sus condiciones precarias de vida la mortalidad infantil y muerte posparto se convirtieron en regla; también los abortos involuntarios por el ritmo y explotación de su trabajo. Así mismo, incluso posterior a la superación de esta serie de eventos, se encontraría rentable el rapto de sus hijos por parte de los esclavistas para ser vendidos o intercambiados en otras plantaciones y núcleos de producción.

El sabotaje del trabajo dentro de las haciendas y plantaciones, el tráfico de productos pertenecientes a las haciendas en las cuales permanecían esclavizadas, como también la planificación y conspiración de asesinato de los esclavistas.

A través de las múltiples peticiones de libertad y las denuncias de carácter judicial introducidas contra los usos y abusos de sus opresores.

Mediante el desafío del orden establecido al generar escándalos públicos originados a partir de la introducción en la indumentaria de piezas y accesorios tradicional y exclusivamente reservadas al uso de las mujeres blancas.

Finalmente, a partir de la radicalización de la resistencia concretada en el cimarronaje, comprendido como el traslado a territorio emancipado del yugo opresor.

Pese a ello, la resistencia africana y afrodescendiente en el continente fue masculinizada, el liderazgo, heroísmo y escaso reconocimiento otorgado por una sociedad excluyente fue monopolizada por el varón afrodescendiente; por su parte, la participación de las mujeres africanas y afrodescendientes en el proceso desarticulador de la autoridad y el poder del sistema esclavista fue invisibilizada, pese a que participaron activamente en los alzamientos de esclavos y cimarrones -expresión del descontento popular y detonantes de movimientos pre independentistas-. Según Pineda (2013) las mujeres africanas y afrodescendientes se hicieron presentes en las lucha independentistas, en medio de la batalla, el enfrentamiento, tomando las armas, como combatientes; sin embargo, su resistencia fue desvalorizada, así como, reproducida y transmitida a través de la documentación oficial y el relato oral como intervenciones dirigidas exclusivamente a la protección de los hombres en batalla, orientada a la preparación de sus comidas, la limpieza, reparación de sus ropas, así como, al servicio del cuidado y atención de sus heridas.

Pero lo más preocupante es que esta situación no se ha transformado significativamente, en la actualidad las mujeres afrodescendientes permanecen sin reconocimiento, representación política y ciudadana, así como, sin patrones de afirmación identitaria. Los movimientos sociales afrodescendientes han obviado en su lucha los intereses y necesidades de las mujeres afrodescendientes relegándolos, invisibilizándolos y con frecuencia postergándolos. Así mismo, en el movimiento feminista se ha diluido la experiencia afrodescendiente al afirmar que todas las mujeres comparten la situación de opresión por el solo hecho de ser mujeres; pese a que la experiencia histórica afirma que el sufrimiento, la opresión y la desigualdad se experimenta de diversas formas, distinguiéndose, profundizándose y agravándose por la pertenencia a un determinado grupo étnico, clase social, situación geográfica, preferencia sexo-afectiva, entre otras variables.

Por esta razón el feminismo tradicional que ha definido como su mayor preocupación la dignificación y autonomización de la mujer burguesa, eurodescendiente y heterosexual, se ha constituido como un movimiento insatisfactorio, descontextualizado y por tanto incapaz de dar respuesta a las demandas de la pluralidad de mujeres y experiencias, menos aún de transformar su realidad, pues:

Las mujeres negras tuvieron una experiencia histórica diferenciada que el discurso clásico sobre la opresión de la mujer no ha recogido. Así como tampoco ha

dado cuenta de la diferencia cualitativa que el efecto de la opresión sufrida tuvo, y todavía tiene, en la identidad femenina de las mujeres negras. (...) Cuando hablamos del mito de la fragilidad femenina que ha justificado históricamente la protección paternalista de los hombres sobre las mujeres, ¿de qué mujeres se está hablando? Nosotras -las mujeres-negras- formamos parte de un contingente de mujeres, probablemente mayoritario, que nunca reconocieron en sí mismas este mito, porque nunca fueron tratadas como frágiles. Somos parte de un contingente de mujeres que trabajaron durante siglos como esclavas labrando la tierra o en las calles como vendedoras o prostitutas. Mujeres que no entendían nada cuando las feministas decían que las mujeres debían ganar las calles y trabajar (Carneiro, 2001, p. 22).

Pero este proceso de invisibilización de las experiencias particulares e históricas de las mujeres afrodescendientes por parte de los movimientos afrodescendientes y del feminismo tradicional favoreció los procesos de emergencia y organización del afrofeminismo. Frente a la discriminación por razones de etnia y género, la invisibilización de las experiencias concretas de las mujeres afrodescendientes, así como, la postergación de sus intereses y necesidades dentro de los grupos de mujeres y afrodescendientes, han surgido alternativas y propuestas teórico-prácticas capaces de presentar otras realidades, pero también de ejercer resistencia. Es decir, los movimientos de mujeres afrodescendientes se configuraron con el objetivo de visibilizar sus experiencias concretas -las cuales habían quedado invisibilizadas en los movimientos feministas y afrodescendientes en los que participasen-, pero además para demandar políticas y acciones específicas orientadas a mejorar su situación social.

Partiendo de esta perspectiva, en los últimos años las mujeres racializadas se han organizado para discutir su situación social, formarse en materia de movimientos sociales, afrodescendencia, discriminación racial, desigualdad por razones de género y feminismo; para producir conocimiento, realizar propuestas a los entes de competencia, para poner en práctica sus conocimientos en pro de la transformación de sus realidades individuales y colectivas, pero sobre todo, para visibilizar las especificidades de su experiencia, aquellas que ni el feminismo ni los movimientos en afro-resistencia han contado.

De este modo se edificó un movimiento afrofeminista que ha tenido como propósito visibilizar la diversidad, trascender la estructura tradicional, eurocéntrica y heteronormada de los movimientos afrodescendientes y feministas, así como, la lucha por la equidad desde espacios de diferencia. Sin embargo, pese a los significativos adelantos a nivel ideológico, discursivo y organizativo en lo que respecta la situación de las mujeres afrodescendientes, se hace necesario profundizar los esfuerzos en lo que respecta a los aspectos prácticos, materiales y decisorios, lo cual continúa representando uno de los mayores retos para las mujeres afrodescendientes en la actualidad.

## Consideraciones finales

Las mujeres afrodescendientes poseen una historia diferenciada a las mujeres eurodescendientes al haber experimentado la objetualización y comercialización bajo la figura del denominado tráfico negrero en una economía triangular que involucró a Europa, África y América; el desarraigo de sus comunidades, la desmembración de sus familias, la desarticulación de su cultura, la explotación física al ser convertidas en la mano de obra gratuita para la explotación de recursos, así como, ser obligadas a criar y amamantar los hijos e hijas de sus opresores.

Las mujeres africanas que constituyeron la diáspora en América y sus descendientes, fueron víctimas de múltiples formas de violencia, principalmente de la violencia patriarcal en forma extrema como lo es la violencia sexual, pero también al ser vendidas y prostituidas por y para los colonos europeos. Estos hechos consolidaron la situación social actual de las mujeres afrodescendientes, heredera de los prejuicios y estereotipos a los que estuvo sometida en el pasado y que constituyen la base para su exclusión del sistema de producción económico, intelectual, artístico y cultural de la sociedad contemporánea.

Las mujeres afrodescendientes en el pasado, pero también en la actualidad continúan estando expuestas a formas múltiples de discriminación y victimización, por el hecho de ser mujeres, pero también por ser afrodescendientes, lo cual las coloca en condición de mayor vulnerabilidad con respecto al grupo de mujeres víctimas del sexismo patriarcal pero no racializadas. Es decir, las mujeres afrodescendientes son víctimas de la discriminación racista por parte de la mujer eurodescendiente, víctima de la discriminación sexista y racista por parte del hombre eurodescendiente, pero también víctima de la discriminación sexista por parte de los hombres afrodescendientes.

Esta discriminación sexista y racista experimentada por las mujeres afrodescendiente habrá de ser exacerbada al cruzarse con otras variables y formas de discriminación, como lo es la clase social, la preferencia sexo-afectiva, la experiencia rural o no urbana, la tenencia de alguna discapacidad o necesidad especial, al pertenecer a un grupo etario específico, entre otras.

Pese a ello, los organismos formales de competencia, así como, los movimientos sociales emergentes poco parecen preocuparles esta situación. En América Latina y El Caribe son pocas las iniciativas y acciones implementadas con el objetivo de recoger y visibilizar las experiencias, intereses y necesidades de las mujeres afrodescendientes, no hay estadísticas desagregadas por género y étnica que permita conocer su situación social, como tampoco existe voluntad para actuar sobre esta problemática con el

objetivo de contribuir a la erradicación de formas de violencia y discriminación racista y sexista. Las mujeres afrodescendientes una vez más se enfrentan sola a las violencias que se les infringe, lo cual las ha llevado a su organización en un movimiento afrofeminista, el cual tiene como reto trascender la dimensión enunciativa para materializar sus esfuerzos en la producción de conocimiento y la incidencia social antirracista con perspectiva de género.

**Referencias Bibliográficas:**

CAMPBELL, E. (2003) *El Impacto Económico del Racismo y Sexismo sobre las Mujeres Afrodescendientes de América Latina y El Caribe*. La Paz: CEPAL.

CARNEIRO, S. (2001) Ennegrecer el feminismo. La situación de la mujer negra en América latina desde una perspectiva de género. En *Nouvelles Questions Féministes*. París: Edition Antipodes.

DAVIS, A. (2005) *Mujeres, raza y clase*. Madrid: Ediciones Akal.

HOOKS, B. (2004) *Otras Inapropiables*. Madrid: Traficantes de Sueños.

MORALES, I. (2003) Mujer negra, mirar del otro y resistencias. Nueva Granada, siglo XVIII. *Memoria y Sociedad*, 7(15), 53-68.

PINEDA, E. (2016) Género, cuerpo y etnicidad: La sexualización de las mujeres afrodescendientes en América Latina. *Revista Al Sur de Todo*, 11.

PINEDA, E. (2013) *Racismo, endorracismo y resistencia*. Caracas: Editorial El Perro y La Rana.

PROTZEL, P. (2010) El uso de la alfombra. *Memorias de Venezuela*, 13, 19-21.

SIMMEL, G. (1999) *Cultura Femenina*. Barcelona: Alba Editorial.

WERNECK, J. (2000) De Ialodês y Feministas. Reflexiones sobre la acción política de las mujeres negras en América Latina y El Caribe. En: *Nouvelles Questions Féministes*. París: Edition Antipodes.